



Literatura Negro-brasileira do Encantamento Infantil e Juvenil¹

Enchantment of Afro-Brazilian Literature

Kiusam de Oliveira²

Universidade do Estado de São Paulo (USP)
Ósibàtá Produções Artísticas e Culturais

Conferência
Conferência

Gratidão! Muito feliz com o convite, feliz por este momento, por compartilhar um pouco das minhas ideias com vocês. Início saudando a todos e todas. Vivemos um momento tão difícil! Ter a possibilidade de falar com um grupo grande é algo sempre muito bem-vindo. E é algo que requer tamanho empenho e qualidade como meu amigo Alexandre acabou de dizer, não é meu lindo? Então é um prazer tremendo estar aqui com vocês.

Eu separei dois textos pequenos para que pautassem a minha fala. Estou no terceiro dia sem dormir: três dias de virada, três dias e três noites seguidas sem fechar os olhos. Isso faz uma grande diferença na agilidade mental. Achei por bem trazer dois textos curtos para pautarem a minha fala, porque assim eu acabo não me perdendo, pelo raciocínio um pouco lento, por conta dessas noites sem dormir.

São noites sem dormir provocadas por toda essa virada biológica provocada por uma pandemia. O nosso relógio biológico está alterado. Eu percebo isso em mim. Nunca fui de dormir muito, durmo cinco, quatro horas por noite mesmo. Mas fazia tempo que eu não ficava de virada. É a terceira semana que eu fico três dias sem dormir, porém, produzindo muito. Estou escrevendo dois romances. Eu já escrevi mais doze histórias de Literatura Infantil e projetos interessantíssimos, roteiros em parcerias. Contudo, o meu raciocínio para falar sem

¹ Esta conferência, com adaptações, é parte de palestra/entrevista concedida por Kiusam Oliveira durante curso de extensão do Instituto Federal de Educação da Bahia – IFBA, “Epistemologias Negro-Indígenas e Formação de Subjetividade Decolonial” (<https://epistemologiaifba.wixsite.com/formacaocontinuada>). A atividade foi generosamente gravada por Robert Santos Dias e transcrita por Fabiana Helena da Silva (UFRRJ). A revisão do texto ficou a encargo de Alexandre de Oliveira Fernandes.

² Doutora em Educação e Mestre em Psicologia/USP. Autora dos livros altamente premiados: Omo-Oba: Histórias de Princesas (Mazza, 2009), O mundo no black power de Tayó (Peirópolis, 2013), O mar que banha a Ilha de Goré (Peirópolis, 2015). Bailarina e Coreógrafa. Especialista na temática das relações étnico-raciais. Lançamento online em maio do livro O black power de Akin (Editora de Cultura, 2020). <https://orcid.org/0000-0001-7606-8691>. Email: kiusam.oliveira@gmail.com.



uma base, está lento. Então eu vou fazer a leitura de um texto curto sobre a “Pedagogia da Ancestralidade”³, que traz algumas considerações em relação ao que penso tal território de conhecimento, em pleno processo de construção. Também vou compartilhar outro texto sobre a “Literatura Negro-Brasileira do Encantamento Infantil e Juvenil” que tem como base a Pedagogia da Ancestralidade que, por conta dessa pandemia estou alterando para Pedagogia Eco-Ancestral, fundamental que é destacarmos nossa relação visceral com a natureza, afinal, nos esquecemos de que somos seres ecológicos.

Essa literatura que tenho produzido e que reconheço nela particularidades bem específicas ao campo do combate à discriminação e da luta antirracista. Antes de aprofundarmos nesse aspecto, fundamental fazer uma referência que revela de onde parto o meu olhar. Trago, aqui, Tierno Bokar quando afirma que a escrita e o saber são diferentes, pois a escrito pode até registrar um saber sem sê-lo em si, pois o saber que guia os seres vêm dos ancestrais e é isso que dá luz ao humano.

Com a promulgação da Lei 10639/2003⁴ instituiu-se no Brasil a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana na educação básica, exigindo novos posicionamentos posturas e práticas das e dos educadoras e educadores. As epistemologias negras ganharam visibilidade: Mãe Stella de D`Oxóssi, Conceição Evaristo, Sueli Carneiro, Neusa Santos, Ana Célia Silva, Maria de Lourdes Siqueira, Sandra Haydée Petit, Mestre Didi, Henrique Cunha Júnior, Abdias Nascimento, Kabengele Munanga, Carlos Moore, Allan da Rosa, Eduardo Oliveira, Wanderson Flor do Nascimento, entre tantas outros intelectuais negros. Entre esses nomes, eu me encontro pensando e sistematizando uma episteme negra que há décadas tem pautado meu trabalho como educadora, dentro de um campo teórico-metodológico em construção e que chamo de Pedagogia da Ancestralidade. Buscando uma definição possível,

³ **SESC.** Pedagogia da Ancestralidade. Kiusam Regina de Oliveira. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/13431_PEDAGOGIA+DA+ANCESTRALIDADE. Acesso em 03 Jun 2020.

⁴ **LEGISLAÇÃO PRESIDÊNCIA.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2010.639-2003?OpenDocument. Acesso em 02 jun 2020.



a Pedagogia da Ancestralidade é antes de tudo um posicionamento político contrário ao que se estabeleceu no país como uma lógica incontestável, direcionada ao branco, considerado a norma enquanto o não-branco é o desvio. É uma pedagogia que se opõe ao colonialismo e à colonialidade, os quais continuam reafirmando a desumanidade de negros e indígenas (...). Ela se opõe à hegemonia epistemológica eurocentrada, propondo uma forma de ser-pesquisar-conhecer-juntar-articular-agir (tudo com hífen) que reconheça o continente africano como berço da humanidade, e se dá a partir da criação ou recriação de laços e formas afeto-coletivas de acolher-ouvir-aprender-falar-trocar-compartilhar (tudo com hífen), protagonizada não só pelas e pelos mais velhas e velhos, mas também pelas crianças e jovens (OLIVEIRA, 2019, p. 16).

Tal pedagogia requer um cuidado precioso, preciso: um olhar que consiga fazer o recorte de gênero para qualquer tema, pois ele se faz necessário. Pesquisas e estudos comprovam que mulheres têm sofrido com os impactos de viverem em uma sociedade machista e, as mulheres negras sofrem com o duplo ou triplo impacto tendo em vista os enfrentamentos violentos diários por carregarem os fenótipos desprezados pela sociedade, a saber: sua condição social ou de orientação sexual. Tais especificidades vividas por cada uma delas incidem diretamente na qualidade de vida emocional, acadêmica, psíquica, espiritual, social, afinal, mulheres negras vivem uma saga crepuscular em busca de si mesmas, a partir, de uma contradição que se ergue gigantemente diante delas: desde a infância, devem se socializar em uma sociedade que as rejeita. Portanto, cabe aqui afirmar que a Pedagogia da Ancestralidade (ou Eco-Ancestral como tenho chamado) é feminina. Outro aspecto fundamental é que reconhece que, em plena atualidade, convive-se com a colonialidade como fonte de práticas, ações como forma de manter o poder, ainda que de outras formas, aprisionando corpos negros.

A Pedagogia da Ancestralidade (ou Eco-Ancestral) considera os conhecimentos ancestrais como elementos-chave para qualquer tipo de aprendizagem, que podem ser encontrados em plataformas diversas como histórias de vida, memórias, provérbios, mitos, ítans, letras de músicas, literaturas, danças, gestualidades, poemas, performances, no silêncio, na meditação. E tem no corpo-templo, um território sagrado, consciente de que precisa ser reestruturado como um corpo-templo-resistência para que seja capaz de combater o racismo institucional e a necropolítica cotidianos, em uma perspectiva sócio-cosmo-política.



Além disso, essa pedagogia tem na *intencionalidade para o empoderamento negro feminino*, seu método principal. Tal método, se movimenta de modo circular e espiralado a partir do que tenho chamado de Campos de Potências que são: Ancestralidade, Corporeidade, Imaginário, Subjetividade, Silêncio, Oralidade, Identidades, Memória, Processos Educativos e Ancestralidade.

A Pedagogia da Ancestralidade (ou Pedagogia Eco-Ancestral) se fundamenta nos seguintes princípios: 1) É uma pedagogia feminina; 2) Na consciência de que existe a colonialidade “no” e “do” poder; 3) Na necessidade da emancipação epistêmica; 4) Na luta por uma educação antirracista; 5) No entendimento da importância da formação para a educação das relações étnico-raciais não só para os educadores, mas como política pública da nação.

A Pedagogia da Ancestralidade (ou Eco-Ancestral) enxerga nas infâncias, período primordial para reorientar possíveis rotas que estejam as levando para caminhos possíveis de reprodução do que ouvem ou veem, posturas que reproduzem aprendizagens discriminatórias e racistas presentes nas brincadeiras infantis, altamente racializadas pelas crianças.

A Pedagogia da Ancestralidade (ou Pedagogia Eco-Ancestral) estabelece uma ruptura provocada pela Decolonialidade: não se trata mais de falar pelo corpo, inclusive do outro, mas proporcionar situações para que o próprio corpo fale por si, uma vez que é alimentado pela cultura vivida na e pela carne. Esse corpo-templo que se ressignifica na e para resistência, com o propósito de se tornar um corpo-templo-resistência, pois resistir às atrocidades também é sagrado, acaba por estar conectado com a realidade vivida na coletividade, em seu entorno e dessa forma é um corpo capaz de sobreviver às barbáries sociais.

Sobre as infâncias, é importante exemplificar: no candomblé por exemplo, elas são cultuadas durante a vida inteira de uma pessoa, pois mesmo ao envelhecer é possível preservar dentro de si, a energia das crianças, dos erês. Como? Ora, “dando erê”, isto é, incorporando a essência ancestral infantil.

As crianças no candomblé vivenciam, portanto, suas infâncias não somente nos corpos infantis, pois desde cedo compreendem que esse período dura para sempre e está presente nos corpos não infantis, de idosas e idosos. Desta forma, as crianças têm a possibilidade de compreender que os corpos são perecíveis e fenecem, mas as infâncias não. Infância é um



traço da personalidade, da psique humana que pode e deve ser cultivado a vida inteira, a fim de manter-se como chama ativa na e para a continuidade do legado ancestral africano.

Deixarei aqui, um dos mitos de Ewá como presente, para que vocês possam analisá-lo de forma negrorreferenciada, isto é, a partir das referências negras que vocês têm e tenho aqui trabalhado desde o início desse encontro, buscando provocar os tensionamentos e as rupturas epistemológicas necessárias com o pensamento brancocêntrico, tentando subvertendo, com “intencionalidade”, as noções evolucionistas e do senso comum.

Ewá era uma princesa filha de Nanã e irmã de Obaluaiyê, Oxumarê e Ossaim. Contam suas histórias que era uma jovem de beleza infinita e sua mãe queria que ela se casasse de qualquer jeito. Assim, a mãe anunciou a mão da jovem e muitos pretendentes – príncipes – se ofereceram para desposá-la. Tal concorrência transformou-se em disputas que levaram muitos jovens valentes a lutarem até a morte pela mão da princesa. Foi muito sangue derramado. No reino de Nanã, todas as folhas e plantas foram secando, o Sol já não aparecia mais no céu e a tristeza fez de lá a sua morada.

Ewá, triste que só, foi consultar-se com Orunmilá, que lhe passou alguns ebós com o poder de colocar fim em tantas atrocidades. Os ebós deram certo e o Sol voltou a aparecer no céu. As plantas voltaram a ficar verdes e, num belo dia, para o espanto de todos e diante dos olhos deles, a princesa começou a se desintegrar, a perder a forma, a transformar-se em bruma branca e densa, e essa névoa se espalhou por ali, avançando o chão junto a um cantar radiante. Sim, Ewá cantava com força e sua bruma ganhava formas e dimensões. Sim, Ewá cantava: Sou de Nanã Ewá, Ewá ê. Sou de Nanã Ewá, Ewá, Ewá ê. Sou de Nanã Ewá, Ewá, Ewá Sou de Nanã Ewá, Ewá, Ewá ê. Sou de Nanã Ewá, Ewá, Ewá ê... Ewá cantava. Finalmente, ela estava livre e feliz. Recebeu o poder de ir ao céu como nuvem e, quando quisesse, poderia voltar à terra como água da chuva.

Para mim, este mito de Ewá traz vários ensinamentos. Antes de eu chegar à Literatura Negro-brasileira do Encantamento Infantil e Juvenil, eu apontarei três dos onze tópicos que eu levanto como saberes fundamentais que este mito nos traz. Reparem que estou recontando um mito da tradição iorubá que remonta um tempo entre 20 a 25 mil a.C. Seguem os três ensinamentos básicos: 1) A vida está sempre em transformação. Ser fria ou frio como o gelo



e ser envolvente como a água, remonta a mensagem de que hoje podemos estar rastejando, mas amanhã, poderemos estar voando; 2) Quando a vida ficar difícil e pesada é sempre possível mudar nossa energia para o estado leve e gasoso, estado natural dos pensamentos. Oxóssi é um Rei, nosso ancestral que está ligado ao estado gasoso, ao ar, às reflexões, aos estudos, às inteligências (que são múltiplas), aos pensamentos. Ele está ligado à inteligência estratégica. A névoa que a gente vê, a neblina, além de encontrarmos a energia de Ewá, também podemos encontrar a energia de Oxóssi. Tudo isso, a fim de retornarmos mais tarde como água. Ação – reação, posturas – decisões, em vida que segue seu fluxo; 3) somos seres resilientes, isto é, somos capazes de nos ajustar a uma nova situação, a qualquer nova situação, entendendo a adaptação enquanto tecnologia estratégica.

Nesse sentido, a Pedagogia da Ancestralidade (ou Pedagogia Eco-Ancestral) aponta para a necessidade de a criança negra saber não apenas que há um exército ancestral com todas as paramentas de combate para lutar por e com ela, mas também que há uma legião de negrxs que jamais soltará a sua mão e que só deseja que a criança negra se empoderem, para que seja capaz de se amar e, assim, encontrar a cure. A Pedagogia da Ancestralidade (ou Pedagogia Eco-Ancestral) pode estar escrita nas nuvens, ou no solo: o meu solo é fértil porto que ancestral. Eu não me submeto e tal pedagogia é capaz de ensinar o mesmo, de forma lúdica.

A Pedagogia da Ancestralidade (ou Pedagogia Eco-Ancestral) deve ser visto como um grande guarda-chuva com suas inúmeras barbatanas: a Literatura Negro-Brasileira do Encantamento Infantil e Juvenil é uma delas, utilizada recorrentemente, como forma de empoderar crianças negras mediante personagens como elas, com família, contextos familiares saudáveis, com estratégias capazes de fortalece-las na superação das práticas racistas no cotidiano, entre tantas outras possibilidades de cruzamentos.

Para mim é o seguinte: a infância deve ser protegida como afirma o relatório “Um rosto familiar, a violência nas vidas de crianças e adolescentes”, que foi realizado pelo Fundo das Nações Unidas, a Unicef e ligado a ONU. Esse material afirma que todas as crianças, todos os adolescentes têm o direito de serem protegidos contra a violência que lhes é infligida por pessoas em sua vida sejam pais, professores, amigos, parceiros ou desconhecidos, todas as formas de violências vivenciadas por crianças e adolescentes independentemente da natureza,



são prejudiciais. Além do sofrimento desnecessário e da dor que causa, a violência destrói pouco a pouco a autoestima de meninas e meninos e impede o seu desenvolvimento. O autoamor torna-se um pesadelo, quase que impossível dele despertar.

A partir dessas informações, espero que profissionais da educação não continuem a perguntar o motivo de termos uma lei focada no povo negro. O respaldo para desenvolver um trabalho pautado na edificação das populações negra e indígena se dá através da própria Constituição Federal, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, do Estatuto da Igualdade Racial, Leis 10.639/2003 e Lei 11.645/2008 e a Lei Caó. Costumo ter a cópia de todas elas em uma pasta, guardada comigo nos armários de onde trabalho, para qualquer eventualidade.

Não posso aqui deixar de confirmar que, tendo como referência a África como o Berço da Humanidade”, as contribuições africanas nas diversas áreas do conhecimento, são possíveis de serem pensadas e pesquisadas, pois múltiplas e algumas, datam milhares de anos. Pensar a literatura foi a minha proposta nesse texto, mas antes disso será preciso que profissionais da educação reflitam sobre a importância de educar para a diversidade partindo de visões outras que não as consideradas oficiais no país. Será preciso um pouco mais de ousadia. Pensar a infância sem deixar de incluir a infância negra passando, portanto, a usar o termo no plural – infâncias -, pois múltiplas torna-se estratégia fundamental, pois só assim conseguiremos avançar nos campos sócio-educativo. Lembrem-se de que estamos falando de negros e negras como maioria quantitativa deste país, portanto, o currículo deve abrigar as questões que os fazem, apesar disso, serem tratados como inferiores, violentos quando vistos, e, quando interessa, serem invisibilizados pela branquitude. O currículo escolar precisa se tornar plural.

Trago como referência uma proposta de projeto político mais acolhedor, como o de países como Equador e Bolívia, que adotaram o *Sumac Kawsay*, *Buen Vivir*, como forma de combater a globalização neoliberal. O *Sumac Kawsay* é o cabedal ancestral dos povos indígenas do Equador e da Bolívia. Esse cabedal ancestral virou política, virou plano político que tem pautado as vidas das pessoas que habitam nesses países. E o que ele traz de maravilhoso? Primeiro que ele já é um combate à política neoliberal e também porque



fundamenta-se nos saberes ancestrais indígenas. É a voz dos povos quechuas para o bem viver, uma concepção de vida que combate os parâmetros mais caros da modernidade, do propagado progresso e crescimento econômico. Combate o individualismo, a busca do lucro, a relação custo-benefício, a utilização da natureza para acúmulo de riquezas, a relação estratégica entre os seres humanos e a mercantilização.

E porque o Sumac Kawsay, o Buen Vivir expressa uma relação diferente entre seres humanos, acrescenta marcos epistemológicos que implicam outras formas de se perceber e de estar no mundo. Considera outros tempos, como por exemplo os tempos circulares que podem coexistir com os tempos lineares. Outro aspecto importante, é que considera a existência de um ser humano comunitário, ou se preferir, um ser não moderno que se concretiza na relação entre os seres humanos com a natureza bem ali, onde o político e o econômico estão juntos.

A antologia do pensamento indígena equatoriano sobre o Sumac Kawsay, deu-me forças maiores para explicitar academicamente sobre o que eu tenho pensado e como eu tenho agido ao longo desses anos, no campo da educação. Ver os saberes indígenas como política pública nacional implementados nos países Equador e Bolívia, só fortaleceu a minha luta e explicitação daquilo que acredito: os valores ancestrais são capazes não só de recuperar a campo da educação, como o próprio ser humano.

Assim, sigo minha busca para desenvolver o sentido de dignidade antológica às diferenças que precisam ser vistas como a grande riqueza deste país, e que a igualdade deve ser buscada dentro do respeito à diferença. Retorno meu olhar à infância, tendo em vista outras formas culturais de ser e estar no nosso país, portanto, infâncias. Para os povos indígenas, africanos e afro-brasileiros, a infância não tem ligação direta com as etapas de desenvolvimento, propostas por Jean Piaget, as quais fundamentam basicamente, a educação brasileira.

Pensando de forma afrorreferenciada, percebemos que nas infâncias, as crianças negras, que vivem suas culturas intensamente (e este pensamento pode se expandir para crianças indígenas, por favor), estão sempre próximas dos adultos, reproduzindo suas ações de forma muito prazerosa: brincam de construir engenhocas, usam pregos e martelos, colas e tesouras. O mesmo ocorre com as crianças negras que podemos observá-las em movimento



nos terreiros de candomblé, no jongo, no congo, no tambor de crioula, nos quilombos, na capoeira.

Uma criança ligada ao lazer e às tarefas coletivas está dando continuidade às expressões socioculturais e ancestrais de seu povo, à cosmogonia de seu grupo etnocultural, preservada através das danças, das cantigas, das rezas, dos orikis, que são as orações em iorubá, dos ítans, que são os mitos e os contos iorubás, os quais sustentam em tradição, todo o seu corpo.

Portanto, penso ser campo fértil, pensar as infâncias como não condicionadas a ações pré-determinadas dentro de uma faixa etária e sim, ousar em pensa-la diretamente conectada e sustentada pelas tradições, que são múltiplas.

Ao pensar as infâncias, eu as imagino sendo respeitadas, consideradas como partes fundamentais de um todo maior como uma casa, um terreiro, uma tradição, que já está previamente estabelecida. Devem participar de uma gama variada de experiências, que as coloquem frente a frente com novos desafios e situações para serem capazes de desenvolver suas formas de performar, protagonizar, pretagonizar, taylorizar, escolher, opinar, se emocionar, enfrentar problemas e se solidarizar.

Uma vez que o racismo é estrutural e faz parte da construção educativa nacional desde as infâncias é preciso que seja desconstruído. Para que isso aconteça, as pessoas devem saber que uma visão que desconsidera o todo, nunca é uma visão democrática e sim totalitária e perversa. A diversidade precisa ser vivenciada e experimentada no seio de onde ela se processa, de dentro dos grupos culturais: escolas de samba, blocos afro-brasileiros, festivais culturais, quilombos, aldeias, para que as pessoas abandonem o imaginário hegemônico e racista em relação a tudo que leem sobre negros e indígenas. Afroreferenciadamente pensando, o processo de aprendizagem se dá de corpo inteiro e não somente com o cérebro e a cabeça não se coloca acima de outras partes do corpo.

Penso e falo de um corpo negro vivido no presente, na modernidade, mas que não desconsidera o tempo circular, a partir de princípios ancestrais africanos, corpo considerado inclusive um território sagrado, ocupado pelo espírito e onde ambos rompem tempos e espaços. Esse corpo deve ser tratado com muito respeito, exaltando-o através de ritos de



passagens e de brincadeiras. Acaba sendo por natureza um corpo-resistência que se expressa de várias formas, corpo-templo-resistência.

O corpo precisa estar mergulhado na experiência para ganhar sentido e significado relacional, uma vez que não se vive sozinho no planeta.

Carlos Moore prefaciou o meu terceiro livro “O Mar que Banha a Ilha de Goré” (OLIVEIRA, 2015) e afirma o seguinte:

Nada é mais importante para uma criança que um conto que a insira do mundo dos humanos, dos animais e das coisas. Essa inserção faz-se por meio do apelo à sua imaginação. Como sabemos, a sua faculdade de sonhar está sempre desperta. As crianças negras não são exceção à essa regra, exceto pelo fato de que os seus sonhos são perturbados por pesadelos recorrentes, agressivos e demolidores, a realidade ambiente que as agride, as rechaça, e as apaga do mundo real pelo viés de insultos sarcásticos, risos e até agressões físicas.

Esse trecho é muito importante para pensar que a criança negra tem os seus sonhos tolhidos, desde muito cedo, e a forma com a qual combate o racismo que a criança encontra de frente no Brasil é a Literatura Negro-Brasileira do Encantamento Infantil e Juvenil.

Cuti, criador do conceito literatura negro-brasileira, explicita a sua consciência de sujeito produtor de imagens e sentidos, sempre atento aos aspectos retóricos ligados ao convencimento do leitor, presentes nas formulações discursivas, e deixa visível o seu distanciamento dos conceitos de “arte autônoma” e/ou de “arte pela arte”.

Certa mordaca em torno da questão racial brasileira vem sendo rasgada por sucessivas gerações. Mas sua fibra é forte, tecida nas instâncias do poder e a literatura é um dos seus fios que mais oferece resistência, por isso quando vibra ainda entoa loas às ilusões de hierarquias congênitas para continuar alimentando com seu veneno o imaginário coletivo de todos os que dela se alimentam direta e indiretamente. A literatura, pois, precisa de forte antídoto contra o racismo nela entranhado (CUTI, 2010, p. 41).

Ele continua:

A literatura Negrobrasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil. (...) O objetivo da ideologia racista é minimizar a sua própria ação corrosiva, o que a literatura produzida negro-brasileira não faz. (...) Entretanto para se chegar ao âmago de tal identidade é preciso não desprezar os obstáculos à expressão negro, dentre os quais a censura, e sua consequência mais cruel, a autocensura (CUTI, 2010, p. 42).



E acrescenta:

A escrita literária explora com maior vigor a força do significante e se preocupa com os variados efeitos dos sentidos que as palavras podem suscitar. Mas os questionamentos das estratégias que a sociedade brasileira elabora para fortalecer, ainda que através de subterfúgios, as facetas do racismo e do preconceito, percorrem seus textos, muitas vezes procurando não abafar o excelente trabalho com a linguagem que o escritor privilegia (CUTI, 2010, p. 46).

Entendo, portanto, que a literatura que tenho produzido é uma Literatura Negro-Brasileira do Encantamento Infantil e Juvenil, pois tenho sido capaz de ver, ao longo desses onze anos publicando livros, o poder das palavras que encantam, possibilitando, assim, que as crianças, jovens e adultos reencantem seus próprios corpos, cotidianamente machucados, violentados pela opressão de cunho racista. As crianças, a partir desse livro, percebo, que são capazes de *tayorizarem* a vida, isto é, como Tayó, ser simplesmente criança, vivendo a sua infância fortalecida pelo autoamor porque tem como espelho uma mãe, que se enxerga em sua potência, fazendo com que a própria filha, se veja da mesma forma e consiga dar respostas imediatas e criativas às práticas racistas, sem que isso provoque rupturas psíquicas em seu ser.

A Literatura Negro-Brasileira do Encantamento Infantil e Juvenil bem como o leitura de livros que edificam o ser infantil e juvenil deveriam ser tratados como política pública, respaldada que estão por todas as leis que citei em algum momento desse texto.

Nós, como no final da história de Tayó, vivemos a carregar sobre os nossos penteados as nossas coroas reais, mesmo que nós não as vejamos quando estamos acordadas.

E entrou por uma porta e saiu pela outra e quem quiser que conte outra!

Toda a minha gratidão!



Referências

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

OLIVEIRA, Kiusam de. **O mundo no Black Power de Tayó**. São Paulo: Editora Petrópolis, 2013.

OLIVEIRA, Kiusam de. **Omo-Oba: histórias de princesas**. Belo Horizonte: Mazza, 2009.

OLIVEIRA, Kiusam de. **O mar que banha a Ilha de Goré**. São Paulo: Editora Peirópolis, 2015.

OLIVEIRA, Kiusam de. Literatura negro-brasileira do encantamento e as infâncias: reencantando corpos negros. **Feira Literária Brasil – África**. Universidade Federal do Espírito Santo: Vitória - ES, v. 1 n. 3, 2020.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Conferência recebida para publicação em: 14 de junho de 2020.